Ano 3.º (3.ª fase) Guimarães, 3 de Setembro de 1926 Número 150

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

NEM SUSTOS, NEM RECEIOS

O órgão monárquico desta cidade, em linguagem insidiosamente torcida, diz que os republicanos andam assustados com o recente movimento militar, receando que com êle perigue a República.

Nem sustos nem receios perturbam a serenidade dos republicanos.

Sabem muito bem os republicanos, que sendo a grande massa do País contrária à monarquia, esta não seria tolerada, e que, a dentro do exército, a corrente retintamente republicana constitui colossal maioria. Sabem muito bem os republicanos, e os monárquicos melhor o conhecem, a forma como o País tem respondido ao seu apêlo, quando das muitas e constantes tentativas de restauração, sempre miseràvelmente fracassadas, por esbarrarem com uma corrente geral de opinião adversa. Sabem muito bem os republicanos, e os monárquicos não devem ter esquecido, que, cercando Sidónio Pais, puderam montar, em todo o País, a máquina, organizar juntas militares e entregar os comandos a pessoas seguras, e assim, sempre à sombra do Presidente dominaram em todos os concelhos, esmagaram e perseguiram todos os adversários. E, quando se julgavam senhores da situação, com todos os trunfos em seu poder, abriram o jôgo com violência e ousadia, certos do triunfo final.

Porém o País com os republicanos perseguidos, oprimidos, exilados e prêsos, respondem à traição por aquela forma heróica e brilhante que se iniciou com a escalada de Monsanto e terminou com o 13 de fevereiro no Pôrto, sede do ridículo e burlesco govêrno monárquico.

Foi o País que, de um extremo a outro, escorraçou mais uma vez, os aventureiros que só na traição encontram fôrça e na sombra oportunidade para as suas arremetidas.

Por tudo isto e por muito mais que nós e os monárquicos bem conhecemos, não podíamos ser assaltados por sustos e receios.

Se tudo o que acabamos de escrever é verdade, verdade também é que nos não deixaremos dormir sôbre o espírito republicano do Povo Português, conhecedores como somos dos métodos, processos e planos dos nossos inimigos.

Todos sabem que os monárquicos, apesar de se sentirem desacreditados e desamparados pela opinião nacional, certos de não poderem tentar de frente um ataque com algumas possibilidades do êxito, esperam todos os momentos de confusão para tentarem, encapotadamente, um golpe que, possìvelmente, lhes traga o triúnfo, triúnfo efémero é certo, mas que mesmo assim desejam para satisfação de interêsses e fins inconfessáveis.

Sabia-se, era de todos conhecido e quási apregoado, que os monárquicos, por intermédio de certas figuras, planeavam empalmar o movimento militar, ou quando isso fôsse impossível, prepararem, cautelosamente, a máquina governativa para o salto de tigre na ocasião oportuna e assim tentarem nova aventura.

Não são desconhecidos todos os manejos neste sentido, quer na ocasião do movimento, quer desde a organização do seu primeiro govêrno até noje. Os mais categorizados monárquicos locais não esconderam a sua alegria no início da revolta, e disfarçaram mal as suas esperanças.

Foi por tudo isto que os republicanos deram o grito de alerta, que longe de significar susto, traduzia apenas o grito de a postos, para hoje, como ontem, como àmanhã recebermos, com galhardia e firmeza, aqueles que só nos momentos de confusão, pela calada da noite, sabem vir à liça.

Não nos preocupa a estabilidade do regímen, que ninguém poderá abalar, tam grande e firme é a opinião republicana no País. Preocupou-nos o mero receio dum salto traiçoeiro de tigre, que, se bem que não pudesse derruír as Instituições, poderia trazer dias sangrentos de luta, e avolumando a confusão do actual momento, prejuízos morais e materiais traria à Pátria, que bem precisa de paz, tranquilidade e ordem, para trabalhar e progredir, e não ser a última nacionalidade a saír do mal estar geral em que todos os estados do mundo se debatem.

Recear um golpe traiçoeiro e covarde, que momentâneamente desse aos nossos inimigos ensejo a poderem praticar aquelas proezas, tanto do seu agrado, e que estão ainda bem vivas na memória de todos — vítimas e algozes — era lícito recear, conhecidos, como já dissemos, os seus manejos e planos. Sustos pela firmeza e segurança da República, não os teve nem os terá nenhum republicano.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Opiniões

O arauto da desordem ergueu bem alto o grito da revolta; e êste brado inesperado calou estrugidor no ánimo do povo, êste bom povo, que é pano para tôda a roupa e crê singelamente em tôdas as promessas.

A revolução—perdoem-me esta fôrça de expressão — sibilou cortante como a mais fria nortada. Ali, no seio do Minho, na socegada Braga, fermentou a arrogante procela num tôrvo campear de fé. E o arrebolado sangue da Nação correu impetuoso nas veias do seu povo, o supra-dito povo que, nos olhos desavindos, nos gestos iracundos, manifesta uma mal dissimulada anciedade.

O eco da contenda foi acolhido numa alegre recepção. E a avalanche briosa de contendores partiu, de mãos dadas e feita um bloco resistente, direita à capital que, mais avisada, lhe era penoso ceder à imposição severa dos revoltados. A revolta vingou. E Lisboa semelhou nessa imponencia a Roma dos Cesares. Não lhe faltou para isso o herói que levou de fio á ponta a arrojada empresa de vencer. Mas êste, qual D. Quixote, chegou e disse, falou e foi-se a gosar o fresco dos Açores na calmosa estação que atravessamos. A'gua o deu, vento o levou. Quero dizer: Braga deu-lhe azas e Lisboa cortou-lhas num tudo-nada paradoxal.

Ironia cruel! Ha tantas mentiras suaves, tantas as maneiras de as dizer!

O povo assemelha-se a uma gaita de foles que tanto toca para um lado como para outro. A questão é soprar-lhe. Ai daqueles, porém, que a rudeza estonteie ao conceber o sôpro, que ficam para sempre tisnados pela afronta. E a história não poderá jamais mostrar seus nomes sem um longo ferrête de ignomínia. A sua mácula vai incidir nos juízes do porvir; porque o povo em si é ignorante e crédulo, e aquele que lhe explora a ignarância, no frutuoso campo das suas crenças, é simplesmente um abôrto. O povo espera malogradamente aquilo que lhe negam. Porisso mesmo é que ora existe em si uma melancolica quietude. Mas é preciso vincar bem esta verdade: o povo é em parte o seu próprio algoz, porque desacata os seus legítimos direitos e deixa cuspir aqueles que mais francamente lhos podem garantir.

A sombra é para muitos um desdém. Assim todos desejam voar ao sol brilhante da glória, da imortalidade. E eis decifrado um enigma que há muito preocupa a gente boa. E' porisso que encontramos, a tôda a hora, heróis e grandes personalidades de todos os feitios e tamanhos, do direito e do avêsso, à direita e à esquerda. Trazem sempre a febre das competências e das economias. Entram, por assim dizer, numa apoteose e saem, quási irremediàvelmente, entre os apupos e escarneo da populaça. Há destas bagatelas curiosas na terra que pisamos em comum. O tombo vergonhoso dessa gente é sempre o mais eloqüente depoimento contra si. As parcialidades esfriam; e dos seus lábios ingénuos escapa vulgarmente um dêsses expressivos sorrisos que, traduzido em português de lei, quer dizer: *dou o dito por não dito*. E essa gente fica só. Qual a lesma que rasteja pelos escaninhos duma parede e volta a ocupar sua morada, assim êsses *heróis* retomam as suas proporções naturais, os hábitos de outrora, dizendo num desalento: *ninguém faz milagres! Cada um é o que é*. E voltam de facto a ser o que eram, envoltos pela sombra que quiseram dissipar. Uma só alteração os flagela, um mal estar.

E' que há então dois elementos poderosamente novos que actuam numa horrorosa luta de fôrças opostas: o remorso de haver ateado a chama que nos consome e as novas necessidades que um diferente estado lhes fez criar. Quem vencerá? Essas fôrças hão-de harmonizar-se; e é dessa harmonia que ha-de nascer o arrependimento. E então, quais anacoretas, desejarão a tebaïda longínqua, onde carpir seus males.

Resumindo, tivemos há tempos uma infrutífera revolução que, como muitas, nada marcou no bom andamento dos nossos interêsses. Que se há lucrado com êsse movimento? As tôrpes represálias pessoais, a satisfação de muitas paixões e mais uma importante soma de milhares de contos a sobrecarregar o Estado. Os invejosos riram do mal alheio; mas agora já êsse risito lhes desmaia porque se está fazendo uma fraca imitação do govêrno dos pseudo-vencidos. Senão, veja-se a questão dos tabacos. Só se reorganiza o exército elevando-lhe os vencimentos para fins *económicos*.

Francamente era aqui que devia principiar a supressão de despesas. Um exército que só serve para fazer revoluções torna-se escuso por muitos motivos. Devia ser reduzido para bem de todos. As ilícitas supressões que estão fazendo envergonham quem as faz.

Isto foi simplesmente uma guerra desvelada que se fêz aos políticos. Demais, ignoram os aguerridos campeões, o significado da palavra «política». Porque com ou sem consciência estão fazendo política; porque esta é feita, quer nas altas missões, quer nos pequenos cargos; porque política fá-la quási tôda a gente; porque é exclusivamente com política que uma Pátria pode revigorar no mais atroz dos desalentos, no eco plangitivo da agonia.

Mas não querem política os *vencedôres*. Realmente fazem *impolítica* — que quer dizer: fraca política. Tudo é política. Corrompe-se por vezes a verdade numa vertígem assustadora. E a verdade corrompida é igual à mentira, que gera o crime; o crime, na acepção dilatada do seu significado, ramifica-se pelas artérias da sociedade que está em contacto daqueles que o praticam. Um preceito não cumprido é um juramento mentido, é uma verdade corrompida que pode amadurecer e conceber o crime. Mal hajam os que intemeratos se despenham a provocá-lo. A Pátria negreja farrapenta nas bordas da morte. Os abismos que a seus pés se desdobram eminentíssimos surgem-lhe aos olhos iludidos como um jardim atapetado de rosas desperdiçando aroma acossadas por um vento propício.

E o leão dorme na selva, indiferente ao báratro sangrento que veloz se aproxima do seu covil. O leão é o povo soberano que excessivo se humilha ante o cutelo que procura imolá-lo. Um só protesto seu bastará para pôr em debandada os vendilhões, na hora memoranda que atravessa. E a história dos vindoiros fará justiça encarecendo-lhe o gesto, louvando-lhe a acção indispensável do momento, o rasgo patriótico que o reabilitará perante o mundo.

XYZ.

Mãos largas

A Câmara Municipal deixou organizado um projecto de instalação de duas bôcas de incêndio na Avenida Cândido Reis, instalação que, diga-se de passagem, quasi que só aproveita às companhias de seguros, e cujo orçamento não ia além de Esc. 4.200$00.

A Comissão Admnistrativa não se conformou com uma despesa tam modesta. Mandou organizar outro projecto para as mesmas bôcas de incêndio, mas com orçamento mais largo, pois importa em Esc. 7:350$00.

Não sendo provável que a repartição das obras se tenha enganado em projecto de tam mesquinha dificuldade que qualquer picheleiro modesto o pode fazer, pregunta-se: levam as duas bôcas dente de oiro, ou a que se destinam os três contos orçados a mais?

Matadouro

Deliberou a comissão de intrusos mandar proceder à inspecção do gado abatido no matadouro pelo médico municipal.

Ou dessa comissão não fizesse parte um semi-veterinário!

Tal deliberação é, simplesmente, irrisória.

Também a Câmara dissolvida pensou em mandar fazer essa inspecção pelo médico do partido, mediante, é claro, a remuneração competente.

Mas, como os seus membros não tinham a omnisciência que felizmente não falta aos ilustríssimos comissários que os fôram substituir, consultaram pessoas entendidas que os informaram de que um médico não tem competência para inspeccionar gado, nem vivo nem morto. E desistiram da ideia.

Mas o snrs. intrusos não querem saber dessas lérias. O poder é dêles. O querer também. Entendem que quem estuda para examinar gente, também deve saber examinar cevados, assim o decretam e está o problema resolvido.

Que fará o médico municipal perante tal deliberação?

Resposta fácil

Temos a maior consideração por tôda a Imprensa, não podendo deixar de especializar a local, visto que, mais do que qualquer outra, se encaminha, embora por diversas verêdas, para o mesmo fim que desejamos atingir, — o progresso da nossa terra.

Merece, pois, o «Ecos», como nosso colega local, a melhor da nossa camaradagem, apesar de serem tam diferentes os campos em que exercemos a nossa acção.

Os nossos deveres de cortezia não vão, porém, ao ponto de nos julgarmos obrigados a responder a todas as sabatinas que o «Ecos» se lembre de nos dirigir, na esperança de nos apanhar em falta.

E' pois, por simples boa disposição de espírito, que vamos, pacientemente, dar uma resposta a todos os pontos tocados pelo «Ecos» na sabatina do seu último número.

1.º Quantos contos se gastaram nas obras de terraplanagem e ajardinamento da Praça da República nas Caldas das Taipas e alargamento do caminho para o lugar das Gaias?

A secretaria da Câmara é uma repartição pública onde tanto podemos ir nós como os «Ecos». Como ao nosso colega, como se vê, mais interessa o assunto, dê-se ao cuidado de pedir, na respectiva repartição municipal, as contas respectivas e logo ficará esclarecido, poupando-nos à transformação humilhante, a que parece querer levar-nos, de colegas para moços de recados.

A terraplanagem e ajardinamento da praça principal das Taipas, obra feita há já 7 anos, impunha-se para o necessário aformoseamento daquela povoação, tam freqüentada na época termal, e que, para não vêr fugir a sua concorrência, não pode deixar de cuidar, com o maior dos interêsses, de acompanhar, tanto quanto possível, essa obra de embelezamento e comodidade, as restantes estâncias termais do país.

Parece-nos que pouco tem que discutir esta verdade que ao «Ecos» se afigura tam discutível.

O alargamento e melhoramento do caminho para o lugar das Gaias não é uma invenção das câmaras republicanas. Esse projecto estava feito por correligionários do «Ecos» e que ao «Ecos» devem merecer a maior das considerações.

Pois êsses seus ilustres correligionários, que ninguém poderá ter como suspeitos, entenderam, e muito bem, que o lugar das Gaias era muito populoso e importante e merecia que se lhe facilitasse a comunicação com o resto do mundo. Simplesmente, não se lhes ofereceu ensejo de realizar o seu projecto, naturalmente porque se não pode fazer tudo ao mesmo tempo.

O argumento de que há freguesias no concelho com caminhos de muito trânsito e num péssimo estado, sem que tivessem sido ainda atendidas pela Câmara, não tem valor. Mal do concelho se tal argumento fôsse de considerar. Nunca mais se melhoraria caminho algum, visto que não é possível melhorá-los a todos ao mesmo tempo.

2.º Porque se não concluiu ainda a estrada de Santa Cristina?

Estamos de acôrdo com o «Ecos» na resposta que dá a seguir à pregunta que faz. Talvez se, por ali, houvesse criaturas que se aproximassem da Câmara, lembrando-lhe a conveniência de concluir essa estrada e o fizessem com a insistência com que o fazem outras com igual justiça mas menos repugnância em se dirigirem aos homens da República, essa estrada tivesse sido preferida a qualquer outra.

E note o «Ecos»: não era necessário que essas criaturas, com xácara ou sem xácara, fôssem democráticas ou mesmo republicanas.

Correligionários do «Ecos» se interessaram por obras de melhoramentos de caminhos, e não fôram duas nem três, e fôram atendidos pela Câmara, que não quis saber da circunstância da pretensão ser trazida por monárquicos e a êles mais directamente aproveitar, e só atendeu ao interêsse público.

Sabemos que, há muito pouco tempo ainda, alguém falou na necessidade de se continuar a estrada de Santa Cristina e tanto bastou para que fôsse prometido ir o assunto ser estudado por quem não costuma faltar ao que promete.

A situação modificou-se, mas disso não temos nós culpa alguma.

3.º Que sanções se aplicaram aos causadores da destruição da ponte velha das Taipas?

Lamentamos essa destruição tanto como o «Ecos». A Câmara não foi ouvida nem achada, nem tinha que o sêr, para as obras que provocaram essa ruína. Isso corre por outras repartições que nem do concelho são. Como quer, pois, o «Ecos» que lhe respondamos a tal pregunta?

Propositadamente deixamos para o fim uma pregunta insidiosa que visa a honorabilidade pessoal de um correligionário nosso.

Queremos acreditar que o «Ecos» é um jornal dirigido e orientado por pessoas de carácter. E só enquanto disso estivermos convencidos com êle terçaremos armas.

Insinuações ou acusações contra a probidade pessoal de qualquer indivíduo, só as faz quem pode provar o que afirma. Quem, nestas condições, não proceder, deixa de ser homem de bem.

Se o «Ecos» pode provar o que insinua àcêrca do nosso presado correligionário e amigo snr. Abílio de Oliveira, diga, desassombradamente, o que souber e tenha a certeza de que a «Velha Guarda» não defenderá senão o que fôr honesto e justo.

Mas se não pode provar o que diz e se deixa guiar por ódios de vizinhos, pelo dize tu direi eu da mexeriquice, das intrigas de taberna, comete, simplesmente, uma infâmia!

Pode-se discutir e criticar, sem mexer com a honra de ninguém.

Dinheiro à frente

Resolveu a Comissão que, felizmente, nos administra, fazer-se representar pelos snrs. Fraga e Guilhermino no peditório com que foram a Lisboa para que o regimento de infantaria 20 voltasse para Guimarães.

Não quiseram, porém, os snrs. Fraga e Guilhermino fazer a viagem sem que dos cofres da Câmara lhes fôsse entregue a módica quantia de um conto e cinquenta escudos para as primeiras despesas.

Estes nossos ilustres comissários são como as máquinas ferrugentas: para se mexerem necessitam de *lubrificação*.

Ainda se depois de *lubrificados* alguma coisa produzissem... Mas a respeito de regimento ficamos a vê-lo por um óculo.

Até aqui nunca a Câmara precisou de pagar aos seus vereadores para que êstes tratassem fora do concelho dos interêsses cuja defesa lhes competia.

Outros tempos, outros costumes, outro brio e... outra moralidade.

MOBÍLIA

Vende-se diferente mobília, incluïndo a de sala de jantar.

Para vêr e tratar no Cano (Casa de Travassos).

Sátiras Modernas...

(Secção alegre)

I

Sem aparato bélico e estrondoso,
Mas de cabeça erguida, bem no ar,
(Eu cá sou orgulhoso!...)
Esta **Secção alegre** vou cantar
Se a tanto me deixar "A Velha Guarda"...

Tremei, chulos truões, ó gente parda,
Que no húmus do orbe chafurdais,
Tremei dêste meu riso causticante.
O' vós que de palhaços não passais
No vosso amôr... a **Isto,** revoltante!!...
Eu quero-vos marcar, pantomineiros,
Um grande **T** na testa, bem visível,
E pôr-vos uma albarda, ó vis sendeiros,
E assim aparelhados, impassível
Meter-vos nos ilhais um par de esporas,
Fazendo-vos trotar infindas horas...

* * *

Hossana! hossana aos Deuzes fabulosos!!...
Saltem p'ra meza vinhos espumosos
Que os Deuzes vão ceiar
Com o espectro do monstro Baltazar!!...
E quando finda a ceia, a doida orgia,
Que efebos, em magotes,
(Porque aos Deuses lhes chega a desint'ria)
Lhes cheguem bem atrás bojudos potes!...

E' a fase da larada trio-cloacal,
O consôlo do eco... intestinal!...

* * *

Renasce, para nós, de lado a lado,
A beleza do sonho do Eldorado!...
Cantam os rouxinois canções doridas,
Gargalham rubros cravos; margaridas
Sorriem nos balcões das castelãs!...
São mais cheias de brilho estas manhãs!...
Fundiram-se em palácios as mansardas,
Rutilam pedrarias altas fardas,
Sêdas no seu fru-fru, estonteantes,
Arrastam-se vaidosas, fulgurantes!...

* * *

Para longe a tristeza e a vil miséria!...
Onde está, onde para essa galdéria,
Que nunca mais a vi à luz do dia?!...
E nunca mais a vi!!...
Morreu! Descança em paz, **Democracia!...**
. . . . . .
. . . . . .
Que vida agora é a vida!!!... Até o sol ri!!!...

Agôsto de 1926.

DELFIM DE VIMARANES.

Viva o luxo!

Acabou há poucos dias o concêrto dos passeios da Avenida Cândido Reis, obra mandada fazer pela nossa Câmara, e já a Comissão administrativa mandou organizar e aprovou um orçamento, no importe de Esc. 6:950$00, para concêrto dos mesmíssimos passeios.

Não será concêrto de mais?

E' certo que êstes luxos não se pagam com dinheiro dos ilustres comissários administrativos, mas sim com o do contribuínte. Não deixa, porém, de haver motivo para recomendarmos aos srs. comissários mais um bocadiuho de respeito pelas regras que os princípios mais comesinhos da boa administração do que não é nosso impõem mesmo àqueles que teem na barriga o posso, quero e mando.

Dr. Florêncio Lobo

Com sua Ex.ma família, partiu para Caldelas êste nosso prezado amigo e correligionário, antigo vice-presidente da C. E. da Câmara Municipal e professor da Escola Industrial de «Francisco de Holanda».

A PENHA

Há dias, dei-me ao prazer de visitar aquela linda estância de turismo. Assim, após a sesta demorada e quente, lá fui jornadeando a encosta acima pela estrada aprazível dos turistas. A' medida que ia subindo, vagaroso, uma aragem mais fresca se propagava na espessa ramaria, um vento leve e puro me arroubava sem contudo me ser grata a ventaneira. Eu amo tudo aquilo que a natureza nos oferece — o sol, a água e as montanhas; e não desdenho a sombra duma arvore para lazer das minhas tardes de ócio.

Porém, é mais grato ao meu sabor um horizonte infinito de selvas cambiantes, no colorido, onde a vista dos meus olhos se dilata sem o monótono entremeio duma parede velha. Porisso eu amo a Penha que domina senhoril a tudo que a rodeia. Porisso eu a visito, sequioso dos fremebundos beijos dessa brisa que me arrebata e me embala nos radiosos pôr-do-sol. Lá no alto, qual atalaia medievo na tôrre de menagem do seu castelo, Pio IX estadeia magestoso, como que dominando a imensidade.

E à volta dêle, há ingremes caminhos como para nos lembrar a inacessível tomada da fortaleza antiga.

As águas são sàdias e abundam naqueles rochedos sotopostos e musguentos que tanto a aformoseiam. E quando ao entardecer por aí me sento, de olhos fitos no poente, sinto não sei que deleite, não sei que abstração pouco terrena que me enleva e extasia.

Há destas sensações no mundo sertanejo das aldeias. E quando altaneiro se evidencia o sítio eleito, a sensação redobra, o prazer cresce, o êxtase se evola.

Na Penha, tudo é lindo, sàdio e fresco, excepto — oh Santo Deus(!) — aquela horrenda casa de hoteleiros, onde a doença empesta a atmosfera. Que sanatório lúgubre, tristonho! Aquilo é o único ponto discordante na gracilidade total da nossa Penha. Há tanto dinheiro nesta cidade e não surge quem se arroje a construír um hotel confortável de si!

E' o que falta à nossa formosa estância. De resto ali seria um verdadeiro paraíso terrestre no decorrer dum ao outro verão.

E se lhe déssemos um parque (?) pequeno que fôsse ?!

Era muito lindo, mas acabou-se.

Cantigas leva-as o vento,
deixa-las correr, correr;
só lhe faltava um convento
Para as freiras se entreter.

Se não fôssem estas luminosas ideias, o progresso e o bairrismo seriam um facto.

Ora pois...

Veraneando

Com suas Ex.mas famílias, encontram-se na Povoa do Varzim os nossos prezados amigos e valorosos correligionários, senhores: Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, antigo deputado e presidente da C. E. da Câmara Municipal; Fernando António de Almeida, considerado industrial; Porfírio Mendes Ribeiro Guimarães, antigo vereador; João de Faria e Sousa Abreu, tesoureiro municipal e José Mendes Ribeiro Guimarães, proprietário e grande industrial.

José Gonçalves Pêna

De passagem para as suas propriedades, no Arco de Baúlhe, deu-nos há dias o prazer da sua visita, êste nosso prezado amigo e valioso correligionáro, ilustre redactor do nosso colega «O Primeiro de Janeiro» e professor da E. P. S. de Matozinhos.

Uma carta

... Snr. Reporter Y.

Como vivo aqui isolado entre as montanhas duma das freguesias do extremo do concelho — *Leitões* — longe, portanto, da cidade, onde poucas vezes vou, apenas sei de algumas novidades daí por algum jornal da terra que, por acaso, me chega às mãos.

Porém — e talvez por isso — não compreendo muitas vezes algumas coisas que leio e que para mim as tenho como enigmas. Está neste caso a epígrafe da sua apreciada local a que chama uma audiência que teve com *Sua Onipotência — Os três M M.*, inserta num dos últimos números do jornal «A Velha Guarda».

E' que, sr. Reporter, fiquei a *parafusar* não só se os três ditos M. M. se referem a três pessoas com o mesmo nome ou nome com a mesma inicial, ou a três apaixonados... embora ocultos, da antiga senhora defunta de há 16 anos; mas também se os três M. M. são condição essencial para qualquer comissão do... *mando*, na cidade e freguesias rurais.

Ora eu me explico: — Hoje mesmo me disseram que a comissão administrativa da Junta desta freguesia, ultimamente nomeada, se compõe de *três autênticos Manéis* e *autenticíssimos Monarquicos*!... Julga brincadeira? Aí vão os nomes: *Manuel Matos*, *Manuel Mendes* e *Manuel Rocha*.

Pelo que vejo e entendo, parece-me, pois, que é uma verdadeira praga de M. M. que está a infestar todo o nosso infeliz concelho. Será assim?

De V. ...
Um Leitoense

P. S. — Dizem-me que ainda há mais *Manéis* nos três substitutos da referida comissão.

L.

Tem razão o nosso ilustre correspondente.

O concelho está sendo contaminado por tal enxurrada de m m m que já a Comissão administrativa da Câmara mandou fazer três *retretes* e... não chegam.

Professor Abel Cardoso

Nas suas propriedades de Viana do Castelo, encontra-se êste nosso prezado amigo e correligionário, distinto professor-director da Escola Industrial de «Francisco de Holanda».

Severo de Sousa Guise

Há já longos meses que êste nosso prezado amigo se encontra gravemente enfermo.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

António Pereira

A tratar da sua saúde, encontra-se nesta cidade, êste nosso bom amigo e correligionário, escrivão-notário na comarca de Ponte de Lima.

António Pereira da Silva

Faleceu êste nosso prezado amigo e correligionário.

Foi sempre de uma lealdade e dedicação que, dificilmente, poderão ser esquecidos. O nosso Partido muito se honrava com a sua colaboração e lamenta a perda que representa a falta dêsse homem, honesto entre os mais honestos, e que para a República veio com a mais nobre das sinceridades.

A tôda a família, especializando seu filho António Pereira de Campos e genro José Mendes Oliveira, ambos nossos queridos amigos, a expressão muito sincera do nosso profundo pesar.

Aos Snrs. assinantes de «A Velha Guarda».

Reapareceu êste jornal, numa hora crítica da República, não para a defender na sua orgânica nacional, que outros melhor e por forma mais eficiente do que nós o farão, mas tam somente para salvaguardar os interêsses de Guimarães, entregues a uma comissão de ineptos e ambiciosos sem escrúpulos.

Sabíamos que nos seria fácil a tarefa, apezar do trambólho da censura, porque, visando esta a ter mão na sempre periclitante barcaça governamental, não tinha que se intrometer nas questões que só dizem respeito à política de administração local, e de outras não queriamos tratar e, efectivamente, não tratamos.

Mas os fragas e fragões dêste concelho, acossados por nós com vigor, sabendo-se com os dentes mais que pódres para pôr em risco, mesmo à falsa fé, as nossas canelas, suplicaram a camaradagem dos quartéis e, pilhando à mão umas novas e mais odiosas instruções regulamentares da censura, conseguiram que nos fôsse cortada tôda a parte do nosso ultimo número, de 17 do corrente, que se referia a questões de administração local.

E' evidente, não pela leitura dessas novas instruções, mas pela fórma como foi feita a censura do nosso último número, que nunca mais a «Velha Guarda» se poderá referir à miséria que tem sido e será a administração municipal dêste concelho, desde que foi entregue às criaturas que, por desgraça e vergonha nossa, se instalaram no Largo da Oliveira.

Mas, nem porisso a «Velha Guarda» desarmará. A «Velha Guarda» há-de reviver. Cortam-nos o direito de discussão e crítica. Embora! Iremos arquivando, sem uma falha, todos os actos dos fragas e fragões, e tam depressa nos deixem falar, afirmámo-lo pelo nosso brio e pela nossa paixão de vimaranenses e republicanos, esmaga-los-emos, como quem esmaga uma saramela repugnante!

Snrs. assinantes: A «Velha Guarda» suspende, porque se sente amordaçada. Mas, ouçam-nos bem, a mordaça ser-nos-á arrancada dentro de muito pouco tempo, de muito poucas semanas. Pena temos que nos falhe a possibilidade de levar, a todos que nos lêem, os factos que nos dão a fé que nos anima.

O número que a censura nos cortou, está impresso e há-de ser distribuído logo que o império da lei se restabeleça.

Entendam-nos bem: até breve, até muito breve!

Viva a República!

Guimarães, 20 de Setembro de 1926.

A Emprêsa de «A Velha Guarda».

para dormir, regaladamente também, com a sua missão cumprida.

que tam fàcilmente abdica?

as pretensões que se lhe afigurassem justas. Nada mais poderia acrescentar à parte sã — insistira coisa alguma.

Não foi, portanto, inopinadamente, que o presidente da Câ-

ctor. A livre acção da Sociedade apenas era limitada relativamente à nomeação de empregados e à sua

Resposta fácil

Temos a maior consideração por tôda a Imprensa, não podendo deixar de especializar a local, visto que, mais do que qualquer outra, se encaminha, embora por diversas verêdas, para o mesmo fim que desejamos atingir, — o progresso da nossa terra.

Merece, pois, o «Ecos», como nosso colega local, a melhor da nossa camaradagem, apesar de serem tam diferentes os campos em que exercemos a nossa acção.

Os nossos deveres de cortezia não vão, porém, ao ponto de nos julgarmos obrigados a responder a todas as sabatinas que o «Ecos» se lembre de nos dirigir, na esperança de nos apanhar em falta.

E' pois, por simples boa disposição de espírito, que vamos, pacientemente, dar uma resposta a todos os pontos tocados pelo «Ecos» na sabatina do seu último número.

1.º Quantos contos se gastaram nas obras de terraplanagem e ajardinamento da Praça da República nas Caldas das Taipas e alargamento do caminho para o lugar das Gaias?

A secretaria da Câmara é uma repartição pública onde tanto podemos ir nós como os «Ecos». Como ao nosso colega, como se vê, mais interessa o assunto, dê-se ao cuidado de pedir, na respectiva repartição municipal, as contas respectivas e logo ficará esclarecido, poupando-nos à transformação humilhante, a que parece querer levar-nos, de colegas para moços de recados.

A terraplanagem e ajardinamento da praça principal das Taipas, obra feita há já 7 anos, impunha-se para o necessário aformoseamento daquela povoação, tam freqüentada na época termal, e que, para não vêr fugir a sua concorrência, não pode deixar de cuidar, com o maior dos interêsses, de acompanhar, tanto quanto possível, essa obra de embelezamento e comodidade, as restantes estâncias termais do país.

Parece-nos que pouco tem que discutir esta verdade que ao «Ecos» se afigura tam discutível.

O alargamento e melhoramento do caminho para o lugar das Gaias não é uma invenção das câmaras republicanas. Esse projecto estava feito por correligionários do «Ecos» e que ao «Ecos» devem merecer a maior das considerações.

Pois êsses seus ilustres correligionários, que ninguém poderá ter como suspeitos, entenderam, e muito bem, que o lugar das Gaias era muito populoso e importante e merecia que se lhe facilitasse a comunicação com o resto do mundo. Simplesmente, não se lhes ofereceu ensejo de realizar o seu projecto, naturalmente porque se não pode fazer tudo ao mesmo tempo.

O argumento de que há freguesias no concelho com caminhos de muito trânsito e num péssimo estado, sem que tivessem sido ainda atendidas pela Câmara, não tem valor. Mal do concelho se tal argumento fôsse de considerar. Nunca mais se melhoraria caminho algum, visto que não é possível melhorá-los a todos ao mesmo tempo.

2.º Porque se não concluiu ainda a estrada de Santa Cristina?

Estamos de acôrdo com o «Ecos» na resposta que dá a seguir à pregunta que faz. Talvez se, por ali, houvesse criaturas que se aproximassem da Câmara, lembrando-lhe a conveniência de concluir essa estrada e o fizessem com a insistência com que o fazem outras com igual justiça mas menos repugnância em se dirigirem aos homens da República, essa estrada tivesse sido preferida a qualquer outra.

E note o «Ecos»: não era necessário que essas criaturas, com xácara ou sem xácara, fôssem democráticas ou mesmo republicanas.

Correligionários do «Ecos» se interessaram por obras de melhoramentos de caminhos, e não f ram duas nem três, e fôram at didos pela Câmara, que não q saber da circunstância da pret são ser trazida por monárq cos e a êles mais directame aproveitar, e só atendeu ao in rêsse público.

Sabemos que, há muito pou tempo ainda, alguém falou na cessidade de se continuar a est da de Santa Cristina e tanto b tou para que fôsse prometido o assunto ser estudado por que não costuma faltar ao que prome

A situação modificou-se, m disso não temos nós culpa guma.

3.º Que sanções se aplicara aos causadores da destruição ponte velha das Taipas?

Lamentamos essa destruiç tanto como o «Ecos». A Câma não foi ouvida nem achada, ne tinha que o sêr, para as obras q provocaram essa ruína. Isso cor por outras repartições que nem concelho são. Como quer, pois, «Ecos» que lhe respondamos tal pregunta?

Propositadamente deixamos p ra o fim uma pregunta insidio que visa a honorabilidade pesso de um correligionário nosso.

Queremos acreditar que «Ecos» é um jornal dirigido orientado por pessoas de carácte E só enquanto disso estiverm convencidos com êle terçaremo armas.

Insinuações ou acusações contr a probidade pessoal de qualque indivíduo, só as faz quem pod provar o que afirma. Quem, nes tas condições, não proceder, deix de ser homem de bem.

Se o «Ecos» pode provar o qu insinua àcêrca do nosso presad correligionário e amigo snr. Ab lio de Oliveira, diga, desassom bradamente, o que souber e tenh a certeza de que a «Velha Guar da» não defenderá senão o qu fôr honesto e justo.

Mas se não pode provar o qu diz e se deixa guiar por ódios d vizinhos, pelo dize tu direi eu d mexeriquice, das intrigas de taber na, comete, simplesmente, um infâmia!

Pode-se discutir e criticar, sen mexer com a honra de ninguém

Dinheiro à frente

Resolveu a Comissão que, felizmente, nos administra, fazer-se representar pelos snrs. Fraga e Guilhermino no peditório com que foram a Lisboa para que o regimento de infantaria 20 voltasse para Guimarães.

Não quiseram, porém, os snrs. Fraga e Guilhermino fazer a viagem sem que dos cofres da Câmara lhes fôsse entregue a módica quantia de um conto e cinquenta escudos para as primeiras despesas.

Estes nossos ilustres comissários são como as máquinas ferrugentas: para se mexerem necessitam de *lubrificação*.

Ainda se depois de *lubrificados* alguma coisa produzissem... Mas a respeito de regimento ficamos a vê-lo por um óculo.

Até aqui nunca a Câmara precisou de pagar aos seus vereadores para que êstes tratassem fora do concelho dos interêsses cuja defesa lhes competia.

Outros tempos, outros costumes, outro brio e... outra moralidade.

MOBÍLIA

Vende-se diferente mobília, incluïndo a de sala de jantar.

Para vêr e tratar no Cano (Casa de Travassos).

Sátiras Modernas...

(Secção alegre)

I

pela nossa Câmara, e já a Comissão administrativa mandou organizar e aprovou um orçamento, no importe de Esc. 6:950$00, para concêrto dos mesmíssimos passeios.

Não será concêrto de mais?

E' certo que êstes luxos não se pagam com dinheiro dos ilustres comissários administrativos, mas sim com o do contribuínte. Não deixa, porém, de haver motivo para recomendarmos aos srs. comissários mais um bocadinho de respeito pelas regras que os princípios mais comesinhos da boa administração do que não é nosso impõem mesmo àqueles que teem na barriga o posso, quero e mando.

Dr. Florêncio Lobo

Com sua Ex.ma família, partiu para Caldelas êste nosso prezado amigo e correligionário, antigo vice-presidente da C. E. da Câmara Municipal e professor da Escola Industrial de «Francisco de Holanda».

A PENHA

Há dias, dei-me ao prazer de visitar aquela linda estância de tu-

seriam um facto.

Ora pois...

Veraneando

Com suas Ex.mas famílias, encontram-se na Povoa do Varzim os nossos prezados amigos e valorosos correligionários, senhores: Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, antigo deputado e presidente da C. E. da Câmara Municipal; Fernando António de Almeida, considerado industrial; Porfírio Mendes Ribeiro Guimarães, antigo vereador; João de Faria e Sousa Abreu, tesoureiro municipal e José Mendes Ribeiro Guimarães, proprietário e grande industrial.

José Gonçalves Pêna

De passagem para as suas propriedades, no Arco de Baúlhe, deu-nos há dias o prazer da sua visita, êste nosso prezado amigo e valioso correligionáro, ilustre redactor do nosso colega «O Primeiro de Janeiro» e professor da E. P. S. de Matozinhos.

Uma carta

... Snr. Reporter Y.

Como vivo aqui isolado entre

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

António Pereira

A tratar da sua saúde, encontra-se nesta cidade, êste nosso bom amigo e correligionário, escrivão-notário na comarca de Ponte de Lima.

António Pereira da Silva

Faleceu êste nosso prezado amigo e correligionário.

Foi sempre de uma lealdade e dedicação que, dificilmente, poderão ser esquecidos. O nosso Partido muito se honrava com a sua colaboração e lamenta a perda que representa a falta dêsse homem, honesto entre os mais honestos, e que para a República veio com a mais nobre das sinceridades.

A tôda a família, especializando seu filho António Pereira de Campos e genro José Mendes Oliveira, ambos nossos queridos amigos, a expressão muito sincera do nosso profundo pesar.